

# INTERCÂMBIO DE SABERES: RELATOS DE EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO, NUM CONTEXTO DE PLURALIDADE DE CULTURAS E LÍNGUAS NA CONFERÊNCIA DOS POVOS INDÍGENAS DO SURINAME

Monzilar, Eliane Boroponepa<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo descreve uma experiência que faz parte do projeto *Diálogos de saberes interculturais*, durante a 7<sup>o</sup> Conferência dos Povos Indígenas do Suriname. A conferência foi realizada entre os dias 25 e 28 de agosto de 2017, na comunidade Redi Doti-District-Para, na capital do país, Paramaribo. No evento, que proporcionou a troca de relatos de vivências entre indígenas de várias regiões do Suriname, estiveram presentes os seguintes grupos étnicos: Kalinya (Carib), Lokono (Arowak) Wayana e Trio. Marcada por uma grande diversidade linguística, a experiência possibilitou aos participantes a aquisição de novos conhecimentos científicos e culturais, partilha de saberes, troca de experiências e informações diversas. Foi, ainda, uma oportunidade de conhecer os hábitos e especificidades de diferentes povos, criando novas expectativas, auxiliando na superação de dificuldades e enfrentamento de desafios, por ampliar uma rede de relações entre os povos envolvidos. O presente relato baseia-se, assim, em fontes bibliográficas, nos relatos dos indígenas e principalmente da própria autora, que tem na observação participante a sua maior fonte de dados. Tal experiência de intercâmbio cultural permitiu uma aproximação de novas realidades práticas, saberes culturais e linguísticos entre os indígenas – o que contribui para a valorização e fortalecimento da cultura dos povos indígenas. Este artigo se constitui numa primeira amostra. Tudo isso possui importância ímpar para mim, como indígena. Senti-me feliz de interagir e comunicar com indígenas de diferentes lugares do Suriname. Foi uma experiência única vivenciar essa diversidade cultural e linguística. O intercâmbio é um acontecimento singular na vida acadêmica e produz muitas perspectivas; emerge desse processo, em meio a desafios e obstáculos que devem ser enfrentados ao longo da vivência, sempre vislumbrando novas oportunidades e horizontes. Concluo destacando que é necessário enfrentar os desafios que a vida proporciona e estar aberto ao desconhecido, ao outro e manter uma expectativa positiva.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, pós-graduação em Educação Escolar Indígena pela Faculdade Intercultural Indígena e mestre em Desenvolvimento Sustentável Juntos a Povos de Terras Indígenas pela Universidade de Brasília-UNB. É professora da Secretária de Estado de Educação e Cultura – Seduc/ MT, atua na Escola de Educação Indígena Jula Paré, aldeia Umutina, foi coordenadora do Programa Mais Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Escolar Indígena. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, continuidade de trabalho e pesquisas junto ao Povo Umutina. Atualmente Bolsista Capes, Estudante Pesquisadora - Participação do Projeto -Diálogo de Saberes – Intercâmbio Intercultural Brasil/Suriname entre Universidade de Brasília UNB e Universidade de Suriname Anton de Kom.

**Palavras – chave:** Intercâmbio. Comunidade. Indígena. Diversidade. Conhecimento.

## **1.INTRODUÇÃO**

No Suriname existem diferentes grupos étnicos, como os Wayana, Trio, Kalinya (Carib) e Lokono (Arowak). Eles vivem em comunidade e assentamentos – são mais de cinquenta. O Suriname é o único país da América do Sul que não reconhece legalmente os direitos coletivos indígenas de terrenos. Os indígenas distribuem-se, no país, por região: Para, Wanica, Commewiyne, Nickerie, Saramacca, Marowiyne e Silpaliwine.

Em 1992 foi criada a VIDS - Associação dos Líderes das Aldeias Indígenas no Suriname. Instituída como uma associação de líderes de aldeias de todas as comunidades indígenas, tem por objetivo obter o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas em relação à terra, representá-los a nível nacional e internacional e apoiar o desenvolvimento sustentável das comunidades. A VIDS possui um escritório em Paramaribo com recursos de informática, acesso à internet e rádio. Uma equipe fornece suporte técnico, financeiro e jurídico às comunidades.

A associação é reconhecida pelo governo como representante oficial dos povos indígenas no Suriname. Facilita o intercâmbio entre líderes indígenas e outros países e frequenta regularmente reuniões regionais e internacionais tendo em vista a troca de informações e conhecimento. Apoia, ainda, as comunidades indígenas em mapeamento, pesquisa e treinamento sobre uso tradicional e sustentável e proteção dos recursos naturais em seus territórios ancestrais, promove capacitações e organiza oficinas que abordam o direito à terra e outras temáticas do interesse dos indígenas. A VIDS, portanto, estabeleceu e mantém uma rede de comunicação com as comunidades indígenas, oferecendo apoio e assistência para o desenvolvimento de projetos comunitários.

Os indígenas do Suriname tem o seu próprio modo de governança tradicional, conduzido de forma específica em cada região. A figura do chefe,

nesse contexto, pode ser denominada Kapitein, Basja ou Grammar. O Kapitein e o Basja são lideranças importantes na comunidade: têm o papel fundamental de inspirar respeito e de articular e liderar a comunidade em diferentes âmbitos – internos ou externos. Cada comunidade tem sua autoridade tradicional local, que visa manter uma organização consistente e desenvolver trabalhos em conjunto, objetivando o fortalecimento e bem estar das comunidades indígenas. Ao sul do Suriname há outra forma de organização indígena, baseada na representatividade tradicional e caracterizada pela figura do “Grammar”, que é o chefe maior de todas as comunidades da região – acima dos Kapitein e dos Basja. As formas de organização dos indígenas do Suriname estão conectadas ao fortalecimento e articulação de tais povos. Inserem-se em um contexto de lutas, conquistas, derrotas e desafios trilhados na busca do bem viver em suas comunidades.

## **2. RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Entre os dias 25 a 28 de agosto de 2017, realizou-se na comunidade Indígena Redi Doti–District-Para/Paramaribo, a 7<sup>o</sup> Conferência dos Povos Indígenas do Suriname, organizada pela já referida VIDS. Trata-se de um encontro que reuniu os indígenas dos seguintes *districts*: Para, Wanica, Commewijne, Nickerie, Saramacca, Maroweny e Sipaliwine. A conferência teve como objetivo uma reunião dos líderes das aldeias para realizar uma avaliação dos trabalhos, definir estratégias para o próximo período e eleger um novo Conselho – que, baseado na representação geográfica, se reúne a cada quatro anos. O evento contou com a presença de entre 100 e 190 participantes indígenas, dos grupos étnicos Lokono, Kalinya, Lokono/Kalinya, Trio e Wayana.

O debate ali realizado teve como temas norteadores a socialização dos projetos, as atividades desenvolvidas pela VIDS, o funcionamento e gerenciamento da organização e as problemáticas existentes nas aldeias. Procurou-se, assim, pontuar soluções, bem como avaliar e planejar os trabalhos posteriores e a eleição da diretoria.

Fui convidada para o evento por Lorien Jubithana, coordenadora da VIDS. Ao chegar ao escritório da organização, na Rua Gemenelansweg 18, fui recebida por uma indígena que trabalha na Organização. Havia outros indígenas sentados. Recebi boas vindas e me disseram para aguardar, pois a saída para a aldeia seria às 12: 00.

Eu estava radiante com expectativa, mas, ao mesmo tempo, com receio; ficava imaginando como seria essa experiência, pois se tratava de indígenas falantes de várias línguas, as línguas nativas, o inglês, o holandês e o sranantongo. Então, respirei fundo e pensei comigo mesma: “seja como for, vou encarar e tentar me comunicar com os indígenas; interagir e deixar fluir, mantendo o pensamento positivo”.

Sáímos de Paramaribo, de fato, às 12 horas, de micro ônibus. A viagem para a comunidade Redi Doti /Distrito de Pará durou duas horas e meia. Chegamos, portanto, à comunidade indígena, pontualmente às 14h30. A recepção da comunidade foi ótima, quando chegamos já havia vários indígenas sentados esperando as demais delegações das outras aldeias. Fiquei observando o movimento das pessoas, ainda com um pouco de receio, mas deixei fluir, afinal, “o que tiver de ser, será”, repeti para mim mesma. Enquanto isso me apresentou a alguns indígenas. Algumas pessoas eu já conhecia; fui cumprimentá-las. As pessoas iam chegando e falando em diversas línguas, ora em inglês, ora em holandês e em sranantongo.

Quanto a mim, às vezes, compreendia o que falavam e, às vezes, não entendia nada. Mantive, de qualquer forma, a expectativa positiva que, de algum modo, a comunicação avançaria. Assim que chegaram as delegações, a comunidade fez a recepção. Em seguida, foi servido o almoço para todos e os indígenas foram para os alojamentos. Fiquei junto a algumas pessoas da equipe da VIDS, que foram para o alojamento próximo ao rio em um local bastante bonito. Foi feito, então, os credenciamento e entrega das camisetas e kits dos materiais para os participantes do evento.

A abertura da Conferência dos povos indígenas do Suriname teve início às 20 horas, na casa tradicional da comunidade. A coordenadora Lorien

Jubithana desejou boas-vindas para todos os participantes indígenas presentes, ao que se seguiu um ritual indígena. O salão estava lotado.



Foto: Monzilar – Abertura Conferência dos Indígenas -2017.

Houve a apresentação dos representantes e autoridades locais das comunidades indígenas: kapitein e os basja das comunidades das regiões Oeste/Oost, Leste/Nickerie, Wayambo/Saramacca, Maroweny, Para e sul-Trio e Wayana. Depois, foi apresentada a equipe da VIDS, composta por Lorien Jubithana, Max, Thea Ramalho, Joyce Hicilio, Sandra Archiro Jeffrey, Josse Artist, Janet Landburg e Pauline France.

Então, a coordenadora Lorien me chamou para que eu me apresentasse, dizendo de onde sou e a atividade que estou desenvolvendo em Suriname. Apresentei-me àquele salão lotado, dizendo meu nome, sou indígena do povo Umutina, sou estudante de doutorado em Antropologia Social e sou professora na minha comunidade e estou participando de um Intercâmbio Cultural entre estudantes indígenas e quilombolas. O objetivo seria conhecer e interagir com as diversidades culturais e linguísticas das comunidades, principalmente as indígenas. E que estava muito feliz de estar no evento, conhecendo e interagindo com os diferentes povos indígenas. Salientei que essa troca de experiências e de conhecimento é muito importante. Desejaram-me boas vindas e senti-me acolhida por eles. Fiz a apresentação em português, traduzida pelo Max para a língua sranantongo. Refleti que, para mim, realmente foi um momento marcante estar ali. Senti-me energizada.

Apesar das diferentes línguas, estava ali, aberta, para conhecer e interagir da melhor forma possível, que a comunicação iria fluir naturalmente.

Em seguida, as autoridades das comunidades indígenas que estavam à mesa fizeram as considerações referentes à conferência e aos trabalhos da VIDS. Foi entregue a programação e feita a leitura; foram dadas informações das atividades que seriam desenvolvidas durante a conferência. Conheci alguns indígenas do sul do Suriname da comunidade de Apetina; alguns falam um pouco de português e foi muito interessante conversar com eles.

As atividades do dia 26 de agosto iniciaram com boas-vindas e com a cerimônia do ritual dos indígenas Trio. Em sequência, Lorien Jubithana coordenadora da VIDS, fez a sistematização e deu as informações da programação da conferência. Cada Kapitein (chefe tradicional da comunidade) discursou sobre a importância dos assuntos em discussão e trabalhos desenvolvidos pela organização indígena, bem como sobre as atividades construídas em conjunto e a serem debatidas na conferência. Dentre eles, discursaram o kapitein Lelis da Comunidade Redi Doti, kapitein Pane da comunidade Galibi, Kapitein da comunidade Apetina sul do Suriname, Kapitein Reshoede wakusa da comunidade Kwalasamutu sul do Suriname.

A equipe da Organização fez a exposição dos projetos que são desenvolvidos nas comunidades indígenas, assim como as atividades e a situação organizacional da VIDS.



Foto: Monzilar – Socialização do Trabalho da VIDS – 2017.

Após essa explanação, iniciou-se o trabalho em grupo por região: Wayambo/ Saramacca, Para, Marowijne, Oeste/Apoera, Wayana/Trio, Trio/Kwamalasamutu. Foram formados oito grupos para discutir sobre as problemáticas existentes e apontar soluções para a comunidade. Assim que finalizaram os trabalhos em conjunto, os grupos foram para a plenária com o objetivo de abordar algumas temáticas, dentre as quais destaco: problemáticas e soluções para as comunidades, projeto de turismo, a natureza, educação e a cultura.

No intervalo da atividade, conversei com o kapitein Aines Japanalu da comunidade Apetina, que falou da sua comunidade, que fica ao sul do Suriname. Alguns dos indígenas de lá são falantes de português. Japanalu demonstrou simpatia e interesse quando falei sobre a minha comunidade Umutina e ressaltar a importância do intercâmbio cultural. Para mim, foi uma experiência ímpar vivenciar esse momento de interação e diálogo com diferentes indígenas, aproximar e conseguir comunicar em contexto tão diverso. Diferentemente do que eu temia, tive facilidade nas abordagens e a comunicação fluiu.



Kapitein Wayana – Sul do Suriname – 2017

O kapitein Pane fez discurso referente às apresentações dos trabalhos, destacou a importância da conferência que está sendo realizada, refere-se a um evento onde se reúnem as autoridades locais e tradicionais como os kapitein, basja e os assistentes das autoridades. Nesse sentido, todos discutem

as problemáticas e apontam alternativas, fazem avaliação dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos nas comunidades, bem como elaboram o planejamento do trabalho subsequente.

Na sequência, foi feita a apresentação do histórico da Organização, de como é o seu funcionamento, suas atividades, os projetos desenvolvidos pela VIDS, as mobilizações e lutas. Disso, destaco que a VIDS é uma Organização das autoridades locais tradicionais das comunidades Indígenas do Suriname e tem uma articulação política no âmbito nacional e internacional. A missão da VIDS é fortalecer a autoridade indígena tradicional e liderança indígena, obtendo reconhecimento legal de direitos de terra nativa e outros, cooperação regional entre aldeias e regiões indígenas e maior participação em processos de política social.

O kapitein Lewis David da comunidade Apoera e o kapitein Leys da comunidade Rodi Doti também fizeram considerações referentes ao trabalho da organização indígena. Outro tema do trabalho em grupo foi sobre a avaliação do período entre 2012 – 2017 da Organização. Houve discussão enfatizando o funcionamento e gerenciamento da VIDS e o seu envolvimento em locais das aldeias. Tal foi apresentado por meio de cartazes para a plenária.



Foto: Eliane B Monzilar –Trabalho em Grupo – 2017



O evento contou com presença de cerca de 190 indígenas representantes das comunidades, dentre os quais também havia mulheres e jovens, além de homens e anciões. A conferência foi uma oportunidade para debater sobre temáticas de crescimento e situações pertinentes às comunidades, fazer uma avaliação da organização, bem como planejamento dos trabalhos e também a eleição da nova diretoria da organização para que conduzam de forma sustentável e democrática. Destaco a participação das mulheres que fazem parte da autoridade local. Elas são poucas, mas tem uma participação ativa, havendo inclusive algumas mulheres que são kapitein e basja de suas comunidades.

Conversando com o Max, da equipe da organização, ele me perguntou o que eu estava achando do evento. Disse que estava gostando, buscando compreender o contexto da discussão. Ressaltei que, de fato, às vezes não podia entender, pois os diferentes indígenas falam em diversas línguas, entretanto, o encontro estava me proporcionando intensa aprendizagem, troca de experiência e interação com os indígenas presentes.

Max esclareceu-me sobre a discussão e a proposta da conferência, que se encontra a cada cinco anos para discutir problemas das comunidades, avaliar os trabalhos e projetos desenvolvidos, elaborar o planejamento para continuar as ações e ainda fazer a eleição de nova comissão da diretoria de organização. A coordenadora Lorien, por sua vez, perguntou-me se estava gostando do evento. Repeti que sim, apesar da diversidade linguística, estava, afinal, entendendo algo do contexto da conferência e interagindo com os presentes.

Conheci e conversei com diversos indígenas, entre eles os Kapitein e os Basja; trocamos contatos. Para mim, foi muito bom conhecer essas lideranças e, principalmente, parte do contexto e da realidade da organização desses indígenas. O kapitein Romeo Pierre da comunidade Pierre Kondre - Albina District Marowyne, foi bastante simpático. Ele me falou da sua comunidade e me ensinou algumas frases na língua Sranantongo: *Fa joe neng* – qual é o seu nome? *Mi neng na Eliane*, *Fa joe de?* Como vai? *Mi de boeng, Kong wi go*

*njang* (sranantongo) - *Aboeng* (resposta). Eu, por minha vez, também lhe ensinei algumas em português.



Foto: Eliane – Kapitein e Basja – Apetina



Kapitein – Pierre Kondre

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, foi excepcional a vivência durante esses três dias em que foi realizada a conferência, que proporcionaram aprendizagem, troca de experiência e de conhecimento, num contexto de pluralidade de culturas e línguas. Oportunizou conhecer diferentes realidades e realizar novas experiências, de modo a promover a aproximação e interação com os indígenas de diferentes etnias.

Destaco o fortalecimento da minha trajetória profissional, acadêmica e pessoal, o que contribui, para me tornar, como pessoa, mais preparada para enfrentar as adversidades futuras da vida cotidiana indígena, com segurança e tendo um olhar holístico das diferentes realidades. Ressalto ainda, o conhecimento de diferentes culturas, tradições e novas línguas, o que cria a possibilidade de ampliar novas redes de relações. Este artigo é uma primeira amostra. Tudo isso possui importância ímpar para mim, como indígena. Senti-me feliz de interagir e comunicar com indígenas de diferentes lugares do Suriname. Foi uma experiência única vivenciar essa diversidade cultural e linguística.

O intercâmbio é um acontecimento singular na vida acadêmica e produz muitas perspectivas; emerge desse processo, em meio a desafios e obstáculos que devem ser enfrentados ao longo da vivência, sempre vislumbrando novas oportunidades e horizontes. Concluo destacando que é necessário enfrentar os desafios que a vida proporciona e estar aberto ao desconhecido, ao outro e manter uma expectativa positiva.

Viva a diversidade na adversidade!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Association of Indigenous Village Leaders in Suriname.** (VIDS). The VIDS at a Glance. Paramaribo/Suriname.

**Conferência dos Povos Indígenas do Suriname.** Agosto. 2017. Disponível em: [http:// pib.socioambiental.org/pt/](http://pib.socioambiental.org/pt/). Acesso e, 09 de outubro de 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12707/RIV16018>. **Revista Brasileira de Enfermagem.** REBEN. Relatos de Experiências. Acesso em 10 de outubro de 2017.

MONZILAR, Eliane Boroponepa. **INTERCÂMBIO DE SABERES: RELATOS DE EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO, NUM CONTEXTO DE PLURALIDADE DE CULTURAS E LÍNGUAS NA CONFERÊNCIA DOS POVOS INDÍGENAS DO SURINAME.** 7º Conferência dos Povos Indígenas do Suriname agosto de 2017.